A FACE ANÔNIMA DA DEMOCRACIA MODERNA

CHRISTINE DE ALENCAR CHAVES
Universidade Fereral do Paraná

TAMBIAH, Stanley Jeyaraja. 1996. *Leveling Crowds: Ethnonatinalist conflicts and collective violence in South Asia*. Berkeley: University of California Press. 396 pp.

Em tempos de inegável perplexidade com o avanço e intensificação de variadas formas de violência, o mais recente livro de Stanley Jeyaraja Tambiah, tratando de um tema próximo em países distantes, deve atrair a atenção para um autor relativamente pouco conhecido entre nós[1]. Nascido no antigo Ceilão, atual Sri Lanka, desde 1976, Tambiah é professor na Universidade de Harvard, tendo lecionado anteriormente na Universidade de Chicago. Autor de extensa obra, cujo espectro temático estende-se da religião à política, passando pelos rituais, o interesse de Tambiah detém-se, de modo especial, na investigação das imbricações desses campos. Na melhor tradição antropológica, seus trabalhos aliam um profundo mergulho nos detalhes variados e contextuais dos episódios concretos da vida social à interpretação sociológica de longo alcance, ancorada em sólido investimento comparativo. Essa é, sem dúvida, a principal qualidade de seu último livro, *Leveling Crowds: Ethnonationalist conflicts and collective violence in South Asia*.

1 Remeto o leitor à entrevista concedida por Stanley Tambiah a Mariza Peirano, intitulada "Continuidade, Integração e Horizontes em Expansão" (*Mana* 3(2): 199-219, 1997), para uma visão panorâmica da trajetória intelectual e dos principais interesses de pesquisa do autor.

Resultado de alentado esforço de pesquisa, neste livro Tambiah apresenta, sob a forma de estudos de caso, um extenso e multifacetado painel de episódios de violência coletiva ocorridos em países do sul da Ásia. Entretanto, ao contrário do que pode parecer à primeira vista, *Leveling Crowds* não interessa apenas ao público da literatura especializada em estudos sul-asiáticos, nem se limita a oferecer um quadro variado de casos isolados de violência. Os distúrbios coletivos objeto do escrutínio do autor são uma expressão destrutiva dos conflitos étnicos cuja manifestação derradeira é o quase ubíqüo fenômeno do etnonacionalismo, que não tem poupado sequer a Europa com o espectro do racismo, intolerância e guerras civis.

O livro apresenta uma descrição minuciosa de múltiplos eventos de violência coletiva ocorridos na Índia, Paquistão, Sri Lanka e Bangladesh, explicitando sua multidimensionalidade e revelando o quão entranhados eles são no contexto mais amplo daquelas sociedades. Para além do aparente caos e desregramento que a fúria das multidões deixa com seu rastro de destruição e morte, Tambiah identifica seqüências definidas, evidências de direção, presença de elementos do repertório cultural e, também, a existência de uma linguagem da violência. Através da comparação, coloca em evidência aspectos recorrentes, repetitivos e gerais dos distúrbios de massa, sempre voláteis, episódicos e supostamente espontâneos. Na companhia de Le Bon, Canetti e Durkheim, revisita o "continente negro" da psicologia das multidões, mostrando o dinamismo intrínseco das forças que elas põem em jogo e fazem delas "leveling crowds".

De início, é interessante observar que a forma de organização do livro é coerente com a lógica do fenômeno estudado, pois Tambiah empenha-se na apresentação maciça de dados a respeito de diferentes eventos de conflito étnico: episódicos e coletivos, eles se repetem no livro como nas sociedades em que ocorrem. Essa solução formal não é simplesmente um engenho estilístico, é o modo pelo qual Tambiah equaciona, de maneira feliz, o particular e o geral, numa demonstração de que o rigor descritivo, através da inserção das especificidades históricas e das particularidades econômicas, sociais, políticas e religiosas que compõem o contexto dos distúrbios coletivos, é um aliado eficiente no avanço da compreensão de questões mais gerais e comparativas a que se dedica o autor.

Essas duas dimensões da pesquisa estão, na verdade, totalmente entretecidas no corpo do texto: a massa de dados apresentada sob a forma de descrição

sucessiva de casos vai revelando os vínculos entre a violência da multidão anônima e o mundo da política, local e nacional; laços que, na verdade, dão corpo e movimento às tensões entre modelos divergentes de nacionalismo, o do estado-nação e o do etnonacionalismo. Os exemplos concretos, por seu turno, iluminam as teorias clássicas a respeito da dinâmica das multidões, permitindo uma reavaliação de sua pertinência e adequação. A bem sucedida equação de teoria e pesquisa realizada por Tambiah apresenta-se na qualidade de uma descrição que, utilizando-se de fontes variadas, explicita os aspectos demográficos, históricos, políticos e culturais que permeiam a violência coletiva revelando — como não poderia deixar de ser — para além de sua aparente espontaneidade e irracionalidade, o quão entranhada é ela. Revela também os nexos entre tal fenômeno e a urbanização, a capacidade de difusão da mídia e o mundo da política institucional: dos processos eleitorais da democracia de massa à atuação de partidos políticos e movimentos populares. Mostra, enfim, que através da rotinização e ritualização, a violência se torna uma linguagem, constituindo uma dimensão pouco reconhecida da democracia representativa.

O recrudescimento dos conflitos étnicos e o ressurgimento do etnonacionalismo nos países estudados é atribuído por Tambiah ao colapso do modelo unitário do estado-nação ocidental, por eles adotado na era pós-colonial, apesar de serem internamente fracionados por múltiplas identidades étnicas. Segundo Tambiah, é exatamente o fracasso desse modelo o que esses países enfrentam com o fenômeno da *politização da etnicidade*, demandando uma política de pluralismo étnico. Consistindo em uma reação ao excesso ou ao fracasso das políticas de centralização e homogeneização, a politização da etnicidade representam fenômeno através do qual grupos étnicos mobilizam sua identidade coletiva e a utilizam como instrumento de ação política para a aquisição, manutenção e proteção de direitos, em reparação a alegadas injustiças históricas. Defrontando-se com a frustração das espectativas de crescimento econômico e desenvolvimento social contínuos, promessas do capitalismo e do modelo da democracia representativa adotado após a Independência, esses países enfrentam o recrudescimento de conflitos étnicos, perdendo o estado, aparentemente, o controle hegemônico do processo político.

A frustração dessas promessas em países constituídos por distintos grupamentos étnicos representou o colapso do modelo unitário e homogêneo de nação que se procurou implementar, configurando-se com maior força o modelo

alternativo do etnonacionalismo cujas faces contraditórias e complementares são o pluralismo étnico e o sectarismo político-religioso. Uma das principais características da politização da etnicidade é o fato de que grupos étnicos demandam direitos coletivos qua grupos, enquanto os conceitos de identidade individual e direitos individuais se tornam secundários. Como manifestação extrema, ela dá lugar à emergência do etnonacionalismo, na forma de resistência ao estado hegemônico e tentativa de constituir formações sócio-políticas locais e regionais com direito próprio. De qualquer maneira, a politização da etnicidade consiste em um modo de organização política que ultrapassa clivagens de classe e restaura critérios tidos como primordiais — língua, raça, religião e lugar de origem — principais sinais de agregação, substituindo, de fato, os signos de integração nacional, nunca verdadeiramente consolidados naquelas sociedades.

Em um contexto de competição por benefícios e recursos públicos, acesso à educação e a postos de trabalho, pela manutenção e disputa por privilégios adquiridos, prestígio social e poder político, a identidade étnica assume o papel de princípio catalizador, erigindo os grupos étnicos como principais agentes na arena pública. Como uma forma de manifestação de demandas e de interesses, a politização da etnicidade imprime características particulares ao processo de disputa política, pois mobiliza sentimentos e identificações tidas como primordiais, desloca o debate público para o âmbito dos direitos culturais, obscurece diferenças de classe internas ao grupo, sustenta demandas coletivas pressionando por direitos, privilégios e benefícios coletivos como argumento de pertencimento a grupos e, portanto, atua politicamente na demarcação de fronteiras, reforçando o fracionamento e pondo em xeque um ordenamento jurídico-político ancorado em direitos universais. Se, por um lado, isso traz à tona formas de solidariedade que são, em verdade, anteriores à constituição do estado-nação e colocam no debate público a questão das práticas e direitos culturais coletivos em contraposição a um modelo excessivamente centralizador e homogeneizador, por outro lado, reflete as dificuldades da integração nacional, apresentando, em sua face obscura, toda a dramaticidade dos conflitos e violências étnicos.

É exatamente a partir desta dimensão dramática, no duplo sentido da produção de eventos concretos dotados de profundas e extensas conseqüências destrutivas, que Tambiah edifica seu esforço de interpretação em *Leveling Crowds*. O texto é um trabalho que se realiza a partir dos escombros e sinais deixados pela fúria

destrutiva das multidões: uma "antropologia da violência coletiva", que constitui a verdadeira identidade do empreendimento deste livro, ao lado dos projetos, apenas referidos, de uma "antropologia dos refugiados" e uma "antropologia do sofrimento". Essa é uma opção repleta de conseqüências, pois representa a valorização de aspectos comumente negligenciados na compreensão do fenômeno dos conflitos étnicos e da violência por ele engendrada. Em *Leveling Crowds*, Tambiah destaca os aspectos comunicacionais e semióticos envolvidos na ação modelada pela identidade étnica, sem negligenciar os demais aspectos instrumentais, primordiais e construcionistas de defesa de interesses, de naturalização de atributos ancorados em narrativas mito-históricas e de conformação de "comunidades imaginadas".

O poder iluminador do livro, além da abrangência sociológica de sua capacidade analítica, deve-se exatamente a esse reconhecimento e valorização dos aspectos comunicacionais, mobilizacionais e semióticos dos conflitos étnicos. Enfatizar esses aspectos permite a Tambiah identificar certas constantes sociológicas no fenômeno da violência coletiva, além de destacar os aspectos culturais envolvidos na sua dinâmica. Essa perspectiva é, na verdade, uma aplicação da teoria dos rituais desenvolvida por Tambiah em livros anteriores, demonstrando mais uma vez sua potencialidade explicativa. A utilização dessa abordagem em *Leveling Crowds* justifica-se pelo fato de que, nos conflitos étnicos, identidades coletivas pressionam por direitos mediante mobilização para ação política realizada em espaço público. Nesse sentido, os conflitos étnicos são eventos coletivos que ocorrem em arena pública, portando elementos da cultura pública e do repertório cultural mais abrangente, combinados em seqüencias definíveis que conformam o curso dos acontecimentos.

Naquelas sociedades, os conflitos étnicos são indissociáveis do contexto da democracia participativa e dos processos competitivos a que ela dá lugar como, por exemplo, eleições. O apelo à identidade coletiva em situações de conflito leva à mobilização de multidões, comumente conduzindo a ações coletivas de extrema violência mas, ainda assim, referidas a um repertório cultural definido. Como *Leveling Crowds* mostra, a violência coletiva engendrada pelos conflitos étnicos, embora de curta duração, é dotada de um padrão recorrente, conformando eventos públicos significativos, passíveis de apreensão. A partir dessa constatação, Tambiah elabora os conceitos de *rotinização e ritualização da*

violência, com os quais ele identifica os aspectos programados e recorrentes da violência, o que lhe permite reconhecer, para além da imagem banal da multidão cega e irracional, a definição de alvos determinados, a presença de agentes geradores e a identificação de padrões de violência. É-lhe então possível relacioná-la ao contexto mais amplo das normas morais e políticas e das práticas e convenções culturais abrangentes e vinculá-la à tradição de assembléias, atos públicos, festivais, cerimônias, protestos e rebeliões coletivos, ligando-a ao repertório comum da cultura pública.

Mas, para chegar a essas constantes dos processos de violência coletiva, Tambiah procede por meio de uma sobreposição de episódios, reconstituídos sob múltiplas perspectivas, ultrapassando fronteiras disciplinares. Além do delineamento histórico, da apresentação do contexto econômico, político, social e religioso, já referidos, Tambiah implementa sua antropologia da violência coletiva através do recolhimento e apresentação de detalhes dos distúrbios: identificação dos participantes e das vítimas; documentação da natureza da violência e da destruição; verificação de sua duração, fases e processos de difusão; rastreamento de evidências de planejamento e direção; explicitação da ação das forças de segurança do Estado e dos meios de comunicação de massa; identificação dos antecedentes históricos imediatos, dos segmentos sociais e interesses econômicos envolvidos, da distribuição demográfica e religiosa da população, do curso e seqüência dos acontecimentos, do processo de criação da opinião pública e do uso político subseqüente aos eventos.

O recolhimento cuidadoso de todo esse material é suficiente para clarificar alguns processos importantes na dinâmica dos distúrbios coletivos; por exemplo, a importância do reconhecimento do calendário de festividades públicas (festivais religiosos, períodos eleitorais, festas nacionais) como momentos propícios ao desencadeamento de eventos de conflito; o papel propulsor e potencializador da violência dos rumores anônimos que se difundem como rastilho de pólvora; a descoberta da atuação de agentes fomentadores, como cabos eleitorais e políticos de importância local ou regional; o uso da máquina partidária ou mesmo estatal; a freqüente parcialidade das forças de segurança local; etc. A partir do estudo dos eventos concretos, Tambiah elabora dois pares de conceitos — *focalization/ transvaluation* e *nacionalization/parochialization* — para tratar do processo de radiação e amplificação da violência coletiva através de seu deslocamento da esfera

local à nacional, e do processo inverso de recontextualização e desdobramento local de eventos de dimensão nacional[2]. Uma peculiaridade do processo de construção conceitual empreendida em *Leveling Crowds*, como se pode notar, é que ele se verifica em estreita e íntima relação com o desenvolvimento descritivo, mostrando mais uma vez o vigor teórico do projeto etnográfico.

Nos países sul-asiáticos estudados por Tambiah, os nexos entre democracia participativa e militância de massas apresentam-se sob a forma extrema do etnonacionalismo, em que os conflitos assumem quase sempre a forma inconciliável de demarcação de fronteiras de exclusão, freqüentemente, resultando em nefastas demonstrações de violência coletiva, com amargas conseqüências sociais. Nesse contexto, as demandas coletivas expressas em termos de pertencimento a grupos excludentes assumem formas violentas na competição que marca os processos eleitorais das democracias participativas, e a luta pelo poder dá lugar a "despotismos eleitorais", em que maiorias oprimem minorias. Ali, as grandes cerimônias públicas, festivais e atos públicos de apelo popular são as festividades ligadas à vida comunal, um veículo de propagação de slogans e ideologias coletivas que promovem a identificação de códigos de substância, uma vez que a cultura pública não foi capaz de forjar cerimônias, festivais e rituais em torno do estado-nação dotados da mesma ressonância (Tambiah 1996: 263-65).

Mas, essa não é uma forma exclusiva de vínculo entre multidões e política. Grandes demonstrações públicas de apoio ou protesto são um fenômeno freqüente e generalizado nas democracias contemporâneas. O que *Leveling Crowds* traz à tona é o reconhecimento de que democracia participativa, eleições competitivas, militância de massa e violência coletiva são fenômenos conectados nos países sul asiáticos, como foram na Europa (: 260). Na verdade, multidões e mobilizações de massa não são fenômenos estranhos aos processos democráticos contemporâneos; são antes caros ao ideal de democracia participativa[3].

---

2 "A nacionalização e paroquialização estão, pois, relacionadas entre si como um processo de cima para baixo, do centro à periferia, enquanto focalização e transvaloração envolvem um processo agregador e generalizador de baixo para cima, da periferia ao centro" (Tambiah 1996: 257).

3 A redemocratização recente no Brasil oferece inúmeros exemplos de como consultas públicas e mobilizações espetaculares são um instrumento importante da política, sendo exemplos notórios a campanha pelas eleições diretas e o episódio do *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor. Elas são, por seu turno, uma das principais formas de ação política dos movimentos sociais, entre eles, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), o que revela a potencialidade

O papel crítico que as multidões demonstram ter nas modernas democracias de massa talvez se deva ao fato de reafirmarem uma comunhão moral, no sentido de Durkheim — embora nem sempre com o caráter de integração à coletividade mais abrangente, a exemplo do etnonacionalismo —, mas também ao profundo sentimento de igualdade que elas dramatizam. É esse caráter nivelador que dá título ao livro de Tambiah. No fenômeno estudado, demarcado por grupos identitários com fronteiras aparentemente intransponíveis, ele manifesta-se como potência destrutiva que visa tanto suprimir supostos privilégios de honra, fortuna e domínio, quanto incorporar prestígio, riqueza e poder. Além desse sentido nivelador das hierarquias, Tambiah, seguindo Le Bon e Canetti, atribui às multidões também um conteúdo nivelador das consciências, um processo de desindividualização e regressão ao inconsciente que as torna suscetíveis aos mandatos de slogans simplificados constituídos em verdade. Nesse sentido, as seguintes palavras de Tambiah podem ser significativas não apenas para o contexto específico dos conflitos étnicos, mas para uma aplicação mais geral:

> A julgar pelos inúmeros relatos e informações visuais sobre escaramuças étnicas, parece que as multidões em ação, mesmo quando organizadas e conduzidas, se transformam, por sua densidade e anonimidade, em agregados de iguais desindividualizados que se engajam em ataques destrutivos à propriedade e a posses, desencadeando impulsos destinados a aplainar a sociedade e sua hierarquia, ou apagar as diferenças entre seus grupos (Tambiah 1996: 278)

Em certo sentido, as "multidões em ação", em procissões, atos públicos, festivais diversos, são, em si mesmas, intrinsecamente conectadas aos ideais mais caros da democracia moderna. São, também, portadoras das ameaças destrutivas que os teóricos conservadores não deixaram de perceber e criticar. Portadoras das forças anônimas da sociedade, carregam sua potência criativa e destrutiva, gestam e impulsionam com seu dinamismo a história, como as multidões na Revolução Francesa e os pogrons de limpeza étnica revelam com dramaticidade. Em sua face anônima, elas vestem tanto a máscara da esperança

---

(MST), o que revela a potencialidade multidimensional das mobilizações de massa, passíveis de se prestar a diferentes propósitos, podendo assumir forma pacífica ou violenta. Sob esse aspecto, o livro de Stanley Tambiah provê inestimável inspiração para a compreensão de processos sociais os mais diversos, entre os quais, a compreensão da ação política do MST (Chaves 1997).

de mudança em nome da igualdade quanto a do horror hediondo da violência desmedida. Entretanto, o que *Leveling Crowds* nos ensina é que há uma racionalidade no curso da ação das multidões, que elas são propositivas, geridas por interesses tangíveis, movidas segundo signos definíveis e impulsionadas por ideais culturais passíveis de escrutínio. Conformadas na arena pública segundo as regras de uma democracia de massa magnetizada pelos ditames da opinião pública e dos meios de comunicação, elas podem servir a diferentes propósitos de legitimação. Essa constatação, de fato, deve nos alertar para certos processos e mecanismos da política contemporânea pouco considerados, tanto quanto para iluminar alguns dos mitos da democracia moderna.

BIBLIOGRAFIA

CHAVES, C. A. 1997. *A Marcha Nacional dos Sem-Terra: Um estudo etnográfico*. Brasília: Projeto de Tese apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UnB.

TAMBIAH, S. J. 1985. *Culture, Thought and Social Action*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.

____. 1996. *Leveling Crowds: Ethnonationalist conflicts and collective violence in South Asia*. Berkeley: University of California Press.

____. 1997. Continuidade, Integração e Horizontes em Expansão. *Mana* 3(2): 199-219.